

A revista Peleja: História e desenvolvimento de um periódico acadêmico nos sertões pernambucanos (1979 – 1984)



História Unicap
ISSN 2359-2370

*Peleja magazine: History and development of an academic
journal in the sertões Pernambuco (1979 - 1984)*

Augusto César Acioly Paz Silva*

cesar_historia@hotmail.com

Venício José da Silva Junior**

silvavenicio000@gmail.com

Resumo:

Neste artigo, realizamos uma análise a respeito do processo de formação da Revista PELEJA, enquanto espaço de difusão e sociabilidades intelectuais do meio acadêmico de Arcoverde e região, além de compreendê-la na qualidade de porta-voz institucional da Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde (FAFOPA). Esta revista foi idealizada no final da década de 1970, quando a FAFOPA comemorava o seu primeiro decênio. Por trás desta dimensão comemorativa, a revista circunscrevia-se também, enquanto veículo preocupado em divulgar as produções acadêmicas da IES, elaboradas pelos seus professores. A escolha do título demonstra, também, a compreensão que os idealizadores da revista possuíam a respeito do seu papel e lugar no cenário de promoção do ensino superior no interior de Pernambuco, uma vez que o título não remetia à compreensão de Peleja como sinônimo de poesia popular do Nordeste, mas às dificuldades que se apresentavam aos professores da IES na implantação do ensino superior nos sertões pernambucanos. Adotamos como orientação para o artigo, reconstruir o processo de organização da revista e analisar alguns artigos publicados no periódico, observando os interesses acadêmicos que se encontravam expressos no universo acadêmico da Fafopa entre 1979 à 1984.

Palavras-chave:

PELEJA; FAFOPA; universo acadêmico e ensino superior.

Abstract:

In this article, we analyze the formation process of Revista PELEJA, as a space for dissemination and intellectual sociability in the academic environment of Arcoverde and region, in addition to understanding it as an institutional spokesperson for the Faculty of Teacher Education in Arcoverde (FAFOPA). This magazine was created in the late 1970s, when FAFOPA celebrated its first decade. Behind this commemorative dimension, the magazine also circumscribed itself, as a vehicle concerned with promoting the academic productions of the HEI, prepared by its teachers. The choice of the title also demonstrates the understanding that the magazine's creators had about its role and place in the scenario of promoting higher education in the interior of Pernambuco, since the title did not refer to Peleja's understanding as a synonym for poetry. popular in the Northeast, but the difficulties that were presented to IES teachers in the implantation of higher education in the backlands of Pernambuco. We adopted as a guideline for the article, reconstruct the journal's organization process and analyze some articles published in the journal, observing the academic interests that were expressed in the academic universe of Fafopa between 1979 to 1984.

Keywords:

PELEJA; FAFOPA; academic universe and higher education.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba, graduado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente é professor da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA).

**Licenciado em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA-CESA)

A problemática proposta neste artigo é mostrar a importância da revista PELEJA dentro de duas perspectivas: na condição de porta voz institucional que procurou reconstruir a memória da instituição dos seus dez anos iniciais e, numa segunda dimensão, apresentar as produções dos docentes da IES, destacando a compreensão, uma vez que a mesma documenta o surgimento da FAFOPA e a criação mantenedora da faculdade, que é a Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESAs), que, ao longo da década de 1970 e 1980, possuíram um papel fundamental no processo de formação e qualificação profissional da cidade de Arcoverde e regiões circunvizinhas, muitas vezes atuando em cidades que se encontravam em outros Estados, ação que se explica devido à localização geográfica, uma vez que Arcoverde encontrava-se numa zona de confluência do ponto de vista logístico para as regiões semiáridas dos estados da Paraíba, Alagoas e Bahia. Hoje, este periódico não é conhecido ou reconhecido pelos alunos que fazem parte da instituição, sendo, muitas vezes, acessado pela memória daqueles que estão nesta IES há mais tempo, em sua grande maioria os professores mais antigos da IES e alguns alunos que estudaram por aqui até a década de 1990, quando o periódico foi extinto.

Ao reconstruir a história da PELEJA, desenvolvemos, ou melhor, praticamos a reflexão pela história local, não a compreendendo dentro de uma dimensão ou posição subalterna aquilo que o senso comum e, até mesmo, a historiografia mais conservadora relaciona quando compara a investigação no campo de questões locais e regionais como sendo “menos importantes” ou não estando conectada à dinâmica do que seria compreendido por história nacional ou geral, ao remontarmos as narrativas presentes na PELEJA, com o olhar teórico-metodológico voltado para uma experiência local compreendemos o processo de desenvolvimento do ensino superior do Estado de Pernambuco e do Brasil, ao observar que a instalação da FAFOPA e o seu processo de estruturação encontram-se sintonizados com o desenvolvimento do ensino superior no país que a partir da década de 1970, mesmo que de maneira tardia iniciou a sua interiorização.

Para uma compreensão do desenvolvimento do presente artigo, escolhemos realizar o recorte temporal que cobre o período que se localiza de 1978 a 1982, para que fosse possível, compreendermos, de maneira concreta, a dinâmica através da qual se deu o processo de estruturação da IES e quais as estratégias que foram construídas, no sentido de proporcionar um espaço de visibilização da produção dos seus docentes ao mesmo tempo em que, pretendia ser uma “voz autorizada” da memória institucional e da FAFOPA.

Do ponto de vista do nosso processo de análise deste periódico, resolvemos delimitar o nosso conjunto de fontes aos oito primeiros volumes, a escolha foi feita tendo como orientação a nossa preocupação em compreender como, após os 10 primeiros anos de estruturação da faculdade, este espaço de ensino superior foi se organizando, mas também quais as práticas e temas que podemos encontrar como sendo de interesse de parte do seu corpo docente e discente. Além, é óbvio, de observar que a fundação de uma revista institucional se relacionava ao fato de que a IES pretendia demonstrar e se construir numa perspectiva que destacasse o caráter acadêmico, que mesmo sem fomento oficial, uma instituição de ensino superior possuiria para a sua legitimação enquanto espaço formativo e de circulação de ideias.

Ainda, do ponto de vista das nossas escolhas teórico-metodológicas no processo de pesquisa e escrita deste artigo, como já destacamos utilizamos os volumes que cobrem o período de 1979 a 1982, aliado aos depoimentos

coletados, através de relatos orais tendo como enfoque a história de vidas, que foram concedidas por depoentes que se encontravam nesta instituição, como o caso do professor Alder Júlio, um dos idealizadores da revista, e que ocupava outras funções como, por exemplo, a de editor e colaborador deste periódico quase que de maneira intermitente.

A PELEJA, como outros exemplos de revistas surgidas no interior de instituições de ensino superior, são frutos ou resultado concreto de projeções e ambições daqueles que pertencem à IES, mas que pretende construir um espaço de circulação e apresentação de ideias, sendo assim, a revista como outras formas de publicação são também construtores de sociabilidades intelectuais, no qual orientam-se pelo objetivo de praticar o caráter público requerido pelo conhecimento científico. O processo de análise ou crítica documental de um periódico deve levar em consideração vários elementos, e que nos ajudam a compreender o sentido daquela produção. Seguindo um “velho” conselho, da Escola Metódica por mais que esta corrente no seio dos historiadores e da historiografia seja olhada de forma atravessada e fortemente criticada como sinônimo de História conservadora. Ao olhar para a fonte, deveríamos realizar uma crítica documental analisando as fontes levando em consideração as dimensões interna e externa dos textos. Ao destacar tal dimensão, que ainda se constitui num conselho pertinente, eles nos avisavam do cuidado de compreendermos qual o significado do que se encontrava escrito na fonte e qual o lugar da sua produção, pois essas questões trariam os interesses daqueles que colaboraram na construção da fonte (DIEHL, 2001; BASTOS, 2003, pp.146-171).

Dito isso, não acreditamos que, mesmo os metódicos pensando tal leitura sendo realizada em documentos supostamente oficiais, invalidassem a reflexão para outras fontes, principalmente, as impressas e identificadas com o suporte que denominamos de periódico, o seu conteúdo e a sua condição sociocultural de produção, não a tornam um relato histórico menor. Tania Regina Lucca, a analisar a construção da pesquisa histórica, a partir do uso de revistas e jornais assim pensa sobre tal questão, observando que praticamente até a “década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil”. (2005, p. 111). Ao denunciar tal realidade, ela compreende que quantitativo diminuto na utilização de tais fontes, devia-se à desconfiança dos pesquisadores, muitos ainda presos ao “pecado metódico” da suposta objetividade científica e documental que o conhecimento contemporâneo já se incumbiu de colocar por terra.

Esta fama negativa do uso de fontes no formato de revistas e jornais, com um certo olhar de pouca objetividade histórica, atravessou séculos até que, na segunda metade do século XX, historiadores, jornalistas e pesquisadores buscaram redimir este suporte documental e, no Brasil, os trabalhos de pesquisa, principalmente os produzidos tendo como recurso o uso de revistas e jornais, passou a se difundir aliado ao olhar e ao uso de suportes analíticos que procuravam problematizar ou até mesmo evidenciar os supostos problemas que o historiador Jean Glenisson, autor de *Iniciação aos estudos históricos* (1961), apresentava que seria “difícil sabermos que influências ocultas se exerciam num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo”.(GLENISSON, 1961).

Os primeiros aventureiros, que procuraram caminhar por este espaço buscavam essas fontes somente quando precisavam complementar informação, vendo-a sempre numa condição subalterna com o seu potencial ficava limitado,

ao passo que jornais e revistas tinham a sua condição de fonte reabilitada, procurava-se através de uma leitura crítica que dialogava com a Análise do discurso e a problematização própria da renovação dos estudos na História Cultural e no próprio campo da Teoria da História, a superação de uma visão de que jornais e revistas constituíam-se numa fonte de segunda categoria. (DE LUCA, 2005, p. 116).

Diante das possibilidades abertas, com a renovação da compreensão da utilidade do uso dos periódicos como fonte qualificada e que nos ajuda a compreender, o lugar e os interesses veiculados, foi que tomamos como objeto de estudo o caso da revista PELEJA, seguindo a senda aberta pelos vários historiadores que compreendem o caráter importante que os periódicos podem exercer, na condição de fontes históricas que colaboram no processo de análise das realidades históricas e culturais. Diante desta dimensão, é possível compreender o universo de formação e organização de uma IES localizada no interior do Estado, numa região que estava vivenciando a experiência do ensino superior, muitas vezes, ainda com problemas e déficits educacionais de outros níveis de ensino. Inquirir a PELEJA, enquanto fonte histórica, e reconstruir a possibilidade para que estas narrativas fundacionais da obra de construção da educação superior nos sertões pernambucanos e nordestinos possam ser conhecidos, e também compreender as dinâmicas, desafios e estratégias que foram utilizadas no processo de estruturação da revista e da FAFOPA.

A FAFOPA/AESA e a PELEJA no epicentro da oferta do ensino superior nas décadas de 1970 a 1980.

Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde (FAFOPA), ao longo da década de 1970, assumiu o papel de provedora de educação de ensino superior e de qualificação profissional, em sintonia com o processo de crescimento populacional da região e, devido ao fato da existência de um vazio na oferta de cursos de graduação no sertão pernambucano e de todo um contingente de profissionais que se encontravam vinculados aos sistemas de educação sejam eles municipais ou estaduais e que não haviam devido as mais diferentes questões a possibilidade de cursar uma formação superior. Conforme este crescimento, como já sinalizamos, o processo de qualificação educacional do ensino superior tornava-se necessária, uma vez que ocorria um processo de transformação de Arcoverde, na qualidade de polo de serviços e que impactavam um conjunto de cidades próximas ou até mesmo, de outras regiões do Estado de Pernambuco e de cidades de estados circunvizinhos como já destacamos em outro momento no presente texto. (LIMA, 2019; VIEIRA, 2019; CALADO, 2019, AMORIM, 2011).

A própria História do desenvolvimento das Autarquias de Ensino Superior, ou das faculdade de 1º ciclo, que eram as que possuíam graduações com duração de dois anos desenvolveu-se de maneira intensa ao longo do regime militar, com a perspectiva de promoção da ampliação no campo formação profissional em um curto espaço de tempo, tendo como foco a formação de professores, demanda devido ao processo de desenvolvimento atravessadas por cidades do interior do Brasil que não encontravam-se até a segunda metade do século XX com Instituições de Ensino Superior descoladas dos grandes centros ou da região litorânea. (LIMA, 2019; CALADO, 2019)

Essa distribuição desproporcional fomentou a necessidade de criação de IES no interior do estado, processo que, no período do governo Paulo Guerra, possuiu passos tímidos, com a organização de unidades da Fundação de

Ensino Superior de Pernambuco (FESP), atual UPE, nas cidades de Nazaré da Mata, Garanhuns e Petrolina, tínhamos um processo tímido de expansão de formação em nível superior, uma vez que, até praticamente a década de 1950, esta modalidade de ensino era franqueada em Recife e, no final da década em Pernambuco, tivemos algumas experiências pontuais, como o caso da Faculdade de Direito de Caruaru e a Faculdade de Filosofia e Ciências de Caruaru (FAFICA), o sertão e outras regiões ficavam desassistidas com relação ao ensino superior. (SILVA, 2019).

A necessidade do ensino superior no interior do estado refletia na economia, pois a educação encontrava-se diretamente ligada às demais áreas da sociedade. É fácil visualizar a disparidade da oferta de ensino superior nas capitais e zonas de economia influente em relação ao interior, onde se encontra um número de instituições menor e com diferença perceptível nas estruturas que atendem as necessidades dos estudantes. É importante que haja um compartilhamento do conhecimento científico com essas instituições interioranas. Segundo o que destaca Mendonça (2015, p. 17) que diz: “Sabe-se da imprescindibilidade do conhecimento em relação ao desenvolvimento, não podendo, por isso, encontrar-se restrito a apenas algumas regiões e/ou capitais nacionais”. É observado que a prática de distribuição de instituições de ensino superior, realizada de forma a localizá-las, preferencialmente, em capitais e locais de maior desenvolvimento econômico, de alguma forma a estruturação de Faculdades e Autarquias possuíram esta tarefa, que podem ser materializadas no exemplo da AESA/FAFOPA.

Identificar a História do processo de distribuição desproporcional de instituições de ensino superior serve para mostrar que não só os governantes, mas os grupos sociais das cidades do interior não se mobilizaram no sentido de que se construíssem políticas efetivas de uma melhor distribuição de campus de ensino superior. No caso específico de Arcoverde, a liderança política representada pelo Deputado Airon Rios procurou articular uma das unidades da FESP para Arcoverde, porém o seu pedido foi preterido, o que o levou a mobilizar lideranças locais como o prefeito e a diocese de Pesqueira para que a concretização de uma IES fosse materializada, desta forma a Faculdade de Formação de Professores tinha a sua constituição. (LIMA, 2019)

A fundação dessa IES colaborou e potencializou o processo de circulação e desenvolvimento econômico, pois com a movimentação de estudantes que vinham de outros municípios do Estado e, até mesmo, de regiões cidades limítrofes de outros estados colaborou no processo de injeção de capital na cidade; esta realidade pode ser compreendida como catalizadora das transformações que acontecem nas cidades que acabam tendo a implementação do ensino superior, aliado ao fenômeno de modernização da cidade, pois, através do afluxo de alunos e professores, algumas modificações vão-se estabelecendo nos diversos segmentos, sejam eles o de serviços ou em outros segmentos. Exemplos contemporâneos deste processo como o proporcionado através da instauração do Centro Acadêmico do Agreste em Caruaru e os polos da UFRPE em Garanhuns e Serra Talhada, demonstram tal perspectiva. Segundo Lima e D’ascenzi (2013), as pesquisas sobre instalações de políticas públicas revelam uma conexão com a necessidade de melhorias nos processos políticos de administração e, assim, aperfeiçoar os exercícios de implantação deles, mas, ao mesmo tempo, demonstram os impactos e transformações sofridos pelas cidades que tiveram acesso à chegada de centros de ensino superior e universidades, o que provocou uma modificação, ampliando o processo de circulação das atividades e serviços existentes nas cidades e na região do seu entorno.

A revista *Peleja* como difusora de conhecimento científico

Os artigos publicados na PELEJA procuravam fomentar uma abordagem direcionada ao meio universitário, com temáticas que extrapolavam o universo dos cursos existentes na IES, mas que compreendiam a necessidade de fomentar e desenvolver uma cultura universitária junto aos alunos que se encontravam em formação na IES, à medida que, promovia discussões de outras áreas de conhecimento, condição central, na visão de muitos articulistas, para que se estabelecesse uma formação universitária sólida. A revista tratada aqui, como objeto de reflexão histórica, desenvolveu suas publicações com um trato diferente das manchetes de jornais cotidianas, pois se preocupava em manter a cientificidade das pesquisas divulgadas como elemento que definia a sua função, na condição de periódico acadêmico. A importância deste passo, o da constituição de um espaço de reflexão que se encontrava ligado a uma instituição de formação superior, colaborou no processo de difusão e discussão de assuntos, que na época de sua publicação eram considerados à frente do seu tempo, o que colaborava para à reformulação do conceito de docente e da sua prática, como observa Vasconcelos (1979), num dos textos da inseridos na PELEJA. O artigo em questão preocupava-se em analisar a reformulação do papel e função do professor frente a disseminação do conhecimento, que na análise do referido autor provocava transformações responsáveis em reelaborar inclusive, a maneira através da qual o docente empreendia a sua prática, na avaliação do autor do artigo “em outras épocas, seu trabalho foi mais o de conservar e transmitir o acervo de conhecimento elaborados pelas gerações passadas”, no momento em que o autor analisa tais papeis, os desafios encontravam-se no sentido de romper com este conservadorismo pela dinâmica da educação. (VASCONCELOS, 1979, p. 15).

Ao observar os artigos que compõem o primeiro número desta revista, é possível como estratégia de análise do conteúdo e dos locais de fala produzidos, uma posição de valorização da história local, ao destacar traços econômicos e históricos no Nordeste, como forma de demonstrar que o papel desta publicação se encontrava integrada a região na qual se encontrava estabelecida, passando pela análise no campo da literatura do estudo dos gêneros literários. Ao mesmo tempo em que a publicação, preocupava-se em abordar questões relacionadas à temática local, é possível, ainda, encontrar textos que procuravam combater o preconceito, como por exemplo, o de autoria de um dos seus professores que explorava os impactos da “*revolução sexual no novo código penal*”. A preocupação de Bradley (1979) encontrava-se no sentido de divulgar, mesmo que implicitamente, a necessidade deste debate na sociedade compreendendo que tal assunto se constituía numa pauta de costumes e comportamentos, observando assim que: “as mulheres são as principais beneficiárias dessa revolução, pois o sexo parte de um mecanismo destinado a subordiná-las aos homens”, ao provocar tal reflexão através das páginas da PELEJA, o referido autor apresentava um assunto que ainda se constituía num tabu. Diante desta perspectiva, as temáticas fomentadas pela revista, dentre elas a que destacamos, relacionavam-se desta forma, ao “espírito” e ambiente necessário de formação em nível superior, que deveria se orientava, no sentido de, colaborar para a ampliação do horizonte intelectual e temático daqueles indivíduos que se encontravam em formação. (BRADLEY, 1979, p. 45).

Essa diversificação temática proposta pela revista constitui-se numa das características deste suporte, o que provoca desafios no modo de utilização desta como fonte, a aproximação entre a historiografia e a pesquisa em fontes

que têm como característica o formato de revistas desafia o pesquisador no sentido de compreender que está utilizando uma fonte que não possui uma unidade, pois o fato de encontrarmos artigos sobre diferentes temas exige que, na condição de pesquisador, procuremos relacionar a diversidade temática que se apresenta. Segundo De Luca (2005), a partir desta realidade “Observa-se uma relação estreita entre a diversificação das temáticas historiográficas e a escolha dos periódicos como fonte de pesquisa” que modifica o modo como se olhará à revistas e jornais como meios através dos quais o pesquisador do campo da História utilizará este recurso documental. (LUCA, 2005).

Neste cenário, a PELEJA caracteriza-se como uma fonte na qual a diversidade temática se apresenta, como uma condição. Dessa forma, é abordado um leque de assuntos, os mesmos que buscam alcance e inserção junto ao leitor. Essa diversidade que tanto acusamos com relação às fontes periódicas, colabora na possibilidade de incentivar olhares analíticos, procurando, então, compreender o papel que a PELEJA desempenhou no ambiente acadêmico da FAFOPA, pois publicar artigos com temáticas variadas que se deslocavam da História e Cultura local passando por questões de costumes ajuda-nos a observar e até mesmo compreender o papel materializado por uma revista acadêmica, expressa no modelo da existência de uma multiplicidade de vozes, elemento necessário e central para que fosse possível provocar o debate necessário no ambiente de formação superior extrapolando a simples dimensão de informar, na verdade, provocando o debate de ideias função norteadora do ensino superior, no qual a AESA/FAFOPA não podia furtar-se. No sentido de, acompanhar esse papel de fomentadora da discussão intelectual como recurso, através do qual o universo acadêmico possui uma das suas missões centrais, no tópico a seguir, procuraremos, através da apresentação dos números da PELEJA e de parte do seu conteúdo, analisar os artigos publicados procurando interrogar os artigos inseridos nos números, não perdendo o horizonte de como devemos tratar a fonte sobre a qual nos debruçamos, o de uma revista produzida por uma IES, condição que a diferencia de outros tipos de publicação. Dentro desta perspectiva, a PELEJA, enquanto, fonte histórica, precisa ser problematizada levando em consideração tais questões.

Os primeiros anos da Peleja e seu caminho de resistência 1979-1984)

A PELEJA nos seus dois primeiros volumes publicados ao longo do ano de 1979 preocupou-se em noticiar como estava o processo de construção do novo campus, fornecendo uma ampla divulgação das condições nas quais as obras encontravam-se, por mais que o leitor desavisado pudesse, no primeiro momento, olhar esta notícia sobre as obras da FAFOPA, como uma mera informação, é possível extrair dela algumas questões que merecem ser discutidas, uma vez que, ao detalhar as conquistas que poderiam ser expressas e materializadas através da estruturação física de uma IES, o sentido também era o de apresentar tal obra como o processo de consolidação deste projeto de faculdade, inclusive com a preocupação de estruturar um campus, com o objetivo de demonstrar que a FAFOPA/AESA, encontrava-se em “pleno vapor”, ou seja, construindo de fato um espaço acadêmico que de alguma maneira se relacionava com o próprio desenvolvimento do município, tendo em vista que o apoio do governo municipal no sentido de dotar a cidade de Arcoverde como um polo educacional apresentava-se como um dos modelos de apresentar o município como em franco desenvolvimento de expansão procurando então consolidar na qualidade de município desenvolvido.

Ao mesmo tempo em que há uma preocupação com a memória institucional, no seu primeiro volume, a PELEJA, dá outra perspectiva apresentada na publicação, vinculava-se à preocupação com a disseminação do conhecimento. O editorial da PELEJA apontava, dentre os papéis que deveriam ser assumidos pela revista, o de resistir em meio ao esquecimento das políticas públicas e do meio natural semiárido, devido à característica que as primeiras capas traziam, um mandacaru, símbolo que representava o lugar no qual surgia o periódico, região marcada por desigualdades gritantes principalmente no campo do conhecimento educacional, mas a imagem da planta pode também ser analisada dentro de outra matriz de reflexão imagética, a que lembrava a resistência frente à natureza muitas vezes inóspita que tendia a secar as plantas, e o mandacaru como lembrança desse enfrentamento da realidade natural/adversa, que teimava em resistir e permanecer verde, em meio à paisagem seca, uma metáfora que ajuda a compreender os desafios e lugar que esta publicação e a IES pretendiam desfrutar (PAIVA, 2006). Ao aponta esta condição de defesa e luta pela educação superior; numa região com diversas dificuldades, o artigo do editorial, assim posiciona-se: “Numa região, como a nossa, estigmatizada pela aspereza do meio natural, pela luta do homem para sobreviver, não se pode entender o seu dia-a-dia, muito menos vislumbra-lhe alternativas, a não ser, através da firme e lúcida PELEJA, título aliás bem representativo da vocação histórica do nordestino” (PELEJA, 1979; p. 5).

Diante dos argumentos estabelecidos pelo autor referenciado, é possível compreendermos os objetivos da revista que surgia, e o sentido do título, o de compreender que tanto a IES que completava uma década quanto a revista possuíam uma missão que se inseria dentro de uma “vocação histórica”, como sinaliza o autor do texto: o de se constituir num local de sobrevivência e alternativas que se materializam através do preparo de profissionais e da disseminação do conhecimento, principalmente, numa região diagnosticada pelo próprio autor como carente de possibilidades que promovessem um desenvolvimento mais efetivo.

No segundo volume, a PELEJA registrou, na íntegra, uma palestra proferida pelo Professor José Rabelo de Vasconcelos, no evento promovido pelo Centro de Estudos em História Municipal CEHM, que foi o I encontro de historiadores municipais. O número em questão registrou, ainda, a discussão a respeito de outras temáticas, um artigo de autoria do Professor José Áureo Bradley, que ministrava nos períodos iniciais a disciplina Teoria do Estado nos cursos de graduação da faculdade, apresentava um estudo a respeito da fundamentação histórico-sociológica da corrente do jusnaturalismo, realizando uma reflexão didática a respeito dessa teoria no campo das ideias políticas e sociais. Além dos artigos dos Professores Alder Júlio Ferreira Calado e Osvaldo Bezerra de Oliveira, o primeiro versava a respeito dos impactos e importância do “planejamento familiar” e o segundo a reprodução do discurso de formatura da faculdade. Ao mesmo tempo em que o objetivo era o da divulgação de pesquisas científicas, encontramos também outras preocupações da revista como: a divulgação de ações da instituição, atividades realizadas pelos seus docentes, informes e, como já destacamos, o processo de reconstrução da memória institucional, ao realizar tais procedimentos, a PELEJA extrapolava a condição de revista com finalidade científica, ampliando tal função para um órgão de divulgação e construção de visibilidade institucional, uma voz autorizada pela faculdade, para demarcar qual o seu lugar no ensino superior dos sertões pernambucanos, do interior e do Estado.

No ano de 1980, a revista chegou ao seu terceiro volume. É possível observar um amadurecimento em relação à compreensão do papel que a revista desempenharia no cenário da educação superior. Colocando-se à disposição da sociedade para o combate das adversidades presentes na época, colaborando, desta maneira, no processo de desenvolvimento crítico e social dos cidadãos de Arcoverde e região, uma vez que a apresentação do referido número destacava que “a revista PELEJA, portanto, incumbe também entregar-se à escola e à comunidade como veículo ou instrumento desse processo democrático de enfrentamento das realidades adversas”. (PELEJA, 1980, p. 1). Ao enfatizar tais aspectos a compreensão da relação entre formação e difusão de conhecimento, aliado ao papel de promover ações que se ligassem a comunidade, os seus colaboradores procuravam apresentar o sentido de produzir conhecimento e torná-lo ação concreta, dimensão que deveria constituir-se numa finalidade tanto nos números subsequentes quanto na maneira como os docentes deveriam agir e atuar na sociedade.

A construção de um olhar crítico sobre a sociedade que colaborasse para a atuação na comunidade colaborava, no sentido de definir qual deveria ser o escopo da publicação, uma vez que ela se localizava:

Numa região empobrecida, como a nossa, grande responsabilidade incide sobre quantos fazem uma escola de 3.º grau, cabendo-lhes, pelo estudo, reflexão e debate com a comunidade, detectar os problemas mais graves que afetam Escola e comunidade regional e propor conjuntamente pistas para uma ação corretiva” (PELEJA, 1980; p. 1).

Ao posicionar-se dentro dessas perspectivas, o grupo dos articulistas da PELEJA e da faculdade procurava destacar que, para além da formação profissional, a função desta instituição seria a de construir uma relação intrínseca com as questões e problemas locais, colaborando, de forma concreta, para o desenvolvimento da cidade, da região e dos seus alunos, compreendendo que tais aspectos se constituiriam no perfil de uma faculdade localizada nos sertões nordestinos, orientada por um entendimento que o seu papel devia ser o de colaborar na diminuição dos problemas existentes na região e nas áreas sobre as quais a IES possuía um campo de atuação.

O quarto volume da revista ratificava a ligação dela, enquanto, veículo de discussão e promoção da cultura popular regional. Sendo a AESA/FAFOPA uma IES próxima ao sertão do Pajeú, era previsível que a procura por ensino superior trouxesse pessoas desta microrregião e com elas vestígios de sua cultura. Uma das pessoas que colaboraram no intercâmbio dessas relações culturais foi o Professor José Rabelo de Vasconcelos que se destacou em outras edições da PELEJA e publicou os capítulos iniciais de seu livro *O reino dos cantadores de São José do Egito*, que foi editado em formato definitivo reunindo as partes nos anos 1990. Os artigos apresentavam temas relacionados à Cultura popular e à cantoria, que encontravam espaço nas páginas da PELEJA, ao fornecer visibilidade para estes conteúdos, a revista procurava demonstrar que a sua inserção na região se orientava na defesa e valorização das questões culturais, na concepção de que discutir estes aspectos faziam parte no processo de qualificação intelectual dos estudantes, proporcionando a eles momentos de fruição cultural, como as apresentações de poesia, os festivais de violeiros, que a revista noticiava nas suas páginas e que ao longo dos anos iniciais da década de 1980 aconteceram na IES. (VASCONCELOS, 1980, p. 7).

O quinto volume destacava, nas suas páginas, um conjunto de discussões que versavam sobre temas políticos e de assistência social, enquanto ferramenta de diminuição das desigualdades. Nesse sentido, tais assuntos se

encontravam relacionados aos processos de transformação que ocorriam no país, fruto do processo de desconstrução do regime ditatorial civil-militar. Ao discutirem temas relacionados a esses aspectos, é possível percebermos que os colaboradores da publicação não estavam alheios aos debates que ocorriam nos anos iniciais da década de 1980, demonstrando o nível de articulação da revista às transformações enfrentadas pelo Brasil.

O artigo inicial deste número apresentava o processo de estruturação das entidades de assistência social da cidade de Arcoverde, destacando a importância e o incentivo às associações que se encontravam ligadas a Igreja Católica da cidade. O autor do artigo Padre Antônio Inocêncio Lima, analisava o papel representado pelas Obras Sociais da Paróquia do Livramento (O.S.P. L). Segundo Lima (1981) “Estas entidades representam os únicos órgãos de serviço sociais mais sistemáticos neste município até hoje”. Ao destacar essa característica, o padre, que também era professor e encontrava-se na presidência da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA), demonstrava a necessidade de fortalecer as ações dessas entidades no sentido de concretizar ações que assistissem as pessoas carentes do município, inclusive como apoio do poder municipal; ao destacar tal realidade, o padre do livramento pretendia destacar a missão social da Igreja e os vínculos que, muitas vezes, eram construídos entre a instituição, a comunidade e o poder municipal, num quadro no qual o processo de assistência social não se encontrava formalizado, como o encontramos na atualidade e, muitas vezes, estas ações eram realizadas ou encontravam-se a cargo de religiosos ou entidades patrocinadas por estas instituições.

No ano de 1982, chegava a público o sexto volume da PELEJA. Nessa edição, ela se apresentava como uma “tribuna de debate e de reflexões” construindo a imagem de uma revista acadêmica preocupada em publicar artigos científicos e colaborar na produção e disseminação do conhecimento científico. Em especial neste número, a revista trazia um estudo no qual analisava os princípios jurídicos do código de Hamurabi, apresentado pelo autor, como um dos primeiros exemplos de organização e ordem social. A reflexão que Bradley estruturava destacava que era necessária e pertinente, como pano de fundo e ao mesmo tempo exemplo, das suas considerações o autor destacava muitos momentos da História para referenciar as suas reflexões, pois, como Bradley acentuava (1982), o sentido da constituição do código de Hamurabi residia no fato de que “tinha como fim a implantação da justiça na terra, destruir os maus e o mal, bem como: PREVENIR A OPRESSÃO DO FRACO PELO FORTE, iluminar o mundo e propiciar o bem comum”. Ao realizar um estudo destacando a importância e implicações do código de Hamurabi, o autor elaborava uma incursão sobre a constituição da cultura de direitos e organização social instituída, através desse código, como um dos elementos que colaborassem no assentamento de um conjunto de princípios normatizadores para o convívio social, por mais que sobre vários aspectos o código pudesse ser questionável.

No sétimo volume da PELEJA, divulgava-se o resultado do desempenho realizado pelos editores nas edições anteriores, uma vez que encontramos, neste número, uma participação maior da comunidade e dos alunos, mostrando assim que a revista se encontrava no processo de consolidação na qualidade de periódico institucional, veiculando um conjunto de textos maior do que nas edições anteriores, fornecendo um espaço reflexivo sobre a realidade na qual ela se encontrava inserida. O editorial de apresentação deste volume ponderava a respeito do projeto de sociedade que os seus colaboradores e a própria IES desejavam construir, que se inspirava numa “sociedade que se quer participativa

requer, já na busca de sua concretização, o exercício da corresponsabilidade e participação em todas as fases do referido projeto”. (PELEJA, 1983).

Essa edição, como já ressaltamos, apresentava uma preocupação em enfatizar a responsabilidade e a participação como peças fundamentais na construção de uma sociedade e de uma escola de ensino superior preocupadas com o desenvolvimento e a solução dos possíveis desafios que se encontrariam. Outros aspectos que surgiam como questão residiam no fato de que muitas das provocações estabelecidas, ou temáticas apresentadas encontram-se relacionadas com o clima de abertura política e discussões propiciadas pelo processo de distensão do regime civil-militar que há mais de 20 anos governava o Brasil.

O clima de efervescência organizacional impulsionou, também, muitos dos temas apresentados na oitava edição da PELEJA, o artigo que estreava o referido número da revista era de autoria do Professor José Áureo Rodrigues Bradley; o texto intitulava-se *Estrutura de poder e exigências cristãs de uma ordem política* no qual ele realizava considerações, a respeito do anseio moral e social dos brasileiros contemporâneos frente aos acontecimentos da época, Bradley (1984) descrevia o momento no qual a sociedade atravessava como de: “Sincronização do fato político com o fato moral e o fato jurídico torna-se nossa sociedade uma aspiração coletiva [...] Cada vez mais, amplia-se a grande frente nacional no sentido de reestabelecer no país uma ordem social e jurídica justa” (Rodrigues Bradley, José Áureo; 1984; p. 8).

Ao compreender, que o momento exigia transformações, grande parte delas sinalizadas pelo processo de redemocratização que tomava contava da sociedade brasileira, a PELEJA captava os anseios e se encontrava inserida no interior das discussões apresentadas na sociedade brasileira dos anos finais da década de 1970 e os anos iniciais de 1980. Colocava-se assim na condição de uma publicação preocupada com a discussão de temas concretos e relevantes para a sociedade brasileira, procurando, dessa maneira, estabelecer o seu lugar enquanto periódico acadêmico, que seria o de apresentar reflexões e disseminar conhecimento.

Considerações finais

Ao analisarmos o processo de organização da revista PELEJA, foi possível observar alguns aspectos que merecem ser retomados. O primeiro deles residia no fato de que a constituição da revista foi pensada no sentido de estabelecer um canal de visibilidade para a instituição, através da divulgação dos textos dos professores ou informes institucionais, o que colaboraria no sentido de, a partir da fundação de uma revista acadêmica, a faculdade possuiria um órgão necessário na sua legitimação, enquanto, centro de formação em nível superior, uma vez que divulgar as ideias e pesquisas tornava-se parte integrante do rito acadêmico. Ao estabelecer tal espaço, a AESA/FAFOPA apresentava-se como uma instituição que, mesmo numa situação periférica caso relacionemos com instituições maiores e já consolidadas no campo do ensino, encontrava-se inserida e preocupada em ampliar o ambiente de difusão do conhecimento.

O segundo aspecto que merece ser dimensionado, encontra-se no fato de a iniciativa de fundação de uma revista que divulgasse as produções docentes, e fosse uma porta-voz institucional, surgia como inovação e, ao mesmo tempo,

um esforço de juntar esforços na materialização de uma proposta de produção e difusão de conhecimento, principalmente, caso observemos que mesmo sem uma política institucional que fomentasse a pesquisa, como parte integrante da instituição, realidade inclusive, que não era comum em instituições maiores, procurava com todas as limitações ser concretizada na AESA/FAFOPA, tendo a PELEJA como instrumento deste processo. É possível, ainda, compreender o surgimento deste periódico revestindo-se de um vanguardismo à medida que, a partir de uma revista institucional procurava-se desenvolver estratégias de debate e difusão do conhecimento.

Outra dimensão que merece destaque reside no fato de que a PELEJA foi criada num momento de transformações no interior da instituição e dessa forma, o periódico não deixava de expressar tal dimensão, pois o surgimento da revista relacionava-se ao aniversário de primeiro decênio da FAFOPA e colocava-se como um espaço, através do qual, as vozes inseridas neste processo pudessem ter visibilidade, destacando os desafios e realizações que deveriam ser estruturadas por uma IES sertaneja como se constituía a AESA/FAFOPA. Ao destacar tal dimensão, encontramos, de forma marcante, a preocupação em deixar inscrito qual o seu lugar, enquanto instituição, a de ser uma escola de ensino superior voltada para as suas raízes como forma de demonstrar a sua importância no processo de formação e qualificação intelectual e profissional nos sertões.

E por último, uma perspectiva que se apresentava e colabora de maneira central para pensarmos o lugar e a importância da PELEJA, na condição de revista era a de ser um espaço de sociabilidades intelectuais, pois como ponto de encontro mesmo que com colaboradores que possuíam posições diferentes sejam políticas, ideológicas e até mesmo científicas, o papel de um espaço como este seria o de construir uma lógica de convívio e troca de impressões e debates, características importantes para a atividade intelectual que fazia parte da organização da revista e da própria faculdade. (SIRINELLI, 2014, pp.231-262).

Fontes

Revista Peleja, 1979-1984.

Entrevistas

Alder Júlio Ferreira Calado, 04 de março de 2019, Bairro Tambaú, João Pessoa/PB.

Antônio Inocêncio Lima, 19 de agosto de 2019, Bairro Sucupira, Arcoverde/PE.

Lúcia Vieira, 22 de fevereiro de 2019, Bairro São Cristóvão, Arcoverde/PE

Referências

AMORIM, Helder Remigio. *Entre a Mercearia e o supermercado: memórias e práticas comerciais no Portal do Sertão*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional), Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

BASTOS, Elide Rugai. Et all. *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

BOAVENTURA, EM. Origem e formação do sistema estadual de educação superior da Bahia. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 45-78.

BLOCH, Marc. *Apologia a História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BURKE, Peter. *A escrita da História*. 4.ed. São Paulo: UNESP, 1992.

FREY, Klaus. Políticas Públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. *Planejamento e Políticas públicas*. n. 21, p. 212-259, 2000. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper21.pdf>>

LIMA, Luciana Leite; D'ASCENZI, Luciano. Implementação de políticas Públicas: perspectivas analíticas. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 21, n. 48, p. 101-110, 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, p.111-153.

PAIVA, Eduardo França Paiva. *História & Imagens*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, Rene. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 2014. p.231-262.

SARAVIA, E. Introdução à teoria da política pública, In: FERRAREZI, E. (Orgs.). *Políticas Públicas*. ENAP, v. 1, p. 21-42, 2006.

SOUZA, Celina. “Estado do campo” da pesquisa em políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 18, n. 51, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15983.pdf>>

SILVA, Augusto César Acioly Paz. A fundação da Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde (1969-1980): memórias, cotidiano e histórias. IN: SILVA, Augusto César Acioly Paz. *Cadernos de Pesquisas em Cultura Política, Educação e Diferenças* (vol. 01). Arcoverde: Oxente, 2019. p.13-28.

Submissão: 11/04/2020

Aceite: 15/06/2020